

PRÁTICAS DE LEITURA NA ERA DO TEXTO DIGITAL

Elaine Cristina Carvalho Duarte¹

RESUMO

O presente artigo tem como intenção de estudo fazer uma reflexão teórica sob a perspectiva da leitura literária na era do texto digital, tendo em vista que a mídia virtual tem influenciado significativamente os hábitos dos leitores. A partir desse recorte será observada a cibercultura como resultante das publicações literárias e dos novos perfis de textos, autores e leitores demarcando as diferenças entre as publicações tradicionais, no meio impresso, e as publicações virtuais. Serão enfocadas as diferenças escriturais na maneira de construir e ler o texto digital no ciberespaço a partir da relação com teorias sobre recepção e atos de leitura, dentre outros elementos teóricos.

Palavras-chave: Leitura. Internet. Ciberliteratura. Texto digital. Texto impresso. Recepção. Cibercultura.

1 INTRODUÇÃO

Accessando a internet você chega ao coração,
Da humanidade inteira, sem tirar os pés do chão...
Basta comprar um PC e aprender o ABC da infor-
matização

Zeca Baleiro

Desde a criação dos instrumentos de caça, pelos primeiros humanos, que o homem vem se utilizando de técnica. A acepção etimológica de técnica vem do grego *tekhné* que pode ser entendida como arte ou habilidade.” A *tekhné* compreende as atividades práticas, desde a elaboração de leis e habilidade para contar e medir, passando pela arte do artesão do médico ou da confecção do pão, até as artes plásticas ou belas artes” (LEMOS, 2008, p.26). Técnica é o meio encontrado pelo homem para transformar e interferir na natureza usando-a a seu favor.

Da mesma raiz etimológica, mas com sentido mais amplo, a tecnologia é a capacidade de unir a técnica ao conhecimento, ou seja, utilizar as habilidades mais primárias do homem aliadas à ciência. Se por um lado a técnica surge para resolver os problemas mais fundamentais do homem, por outro a tecnologia tem o intuito de realizar os desejos e facilitar as atividades humanas, sendo capaz de aliviar e simplificar os esfor-

ços físicos e mentais do ser humano.

Técnica e tecnologia fazem parte da formação do homem enquanto leitor. Ao analisar o processo de evolução do livro, é notório “que não sabemos como os romanos liam Ovídio, podemos supor, (...) que as unidades de significados estavam mais próximas dos ritmos da fala do que as unidades tipográficas – (...) a página como unidade do livro data do terceiro ou quarto século d.C. Antes disso, tinha-se que desenrolar o livro” (VILLAÇA, 2002, p.46). Mais tarde os monges da idade média desenvolveram a técnica de copiar textos, a qual foi substituída pela tecnologia da prensa de Gutenberg, que proporcionou uma revolução no mundo das letras, possibilitando o surgimento da indústria do livro.

Assim como o texto impresso revolucionou o mundo da literatura, o texto digital tem influenciado significativamente as práticas de leituras do homem contemporâneo. Com o surgimento do livro digital e da internet, os atuais paradigmas textuais têm passado por modificações. A cada dia surge no ciberespaço novas possibilidades de criações literárias, como micronarrativas e poesias visuais interativas, contribuindo para a formação de um leitor com um perfil diferente do tradicional leitor de

¹Doutoranda em literatura pela UNB, professora do curso de Letras/EAD do UNIS – Varginha, e-mail: naneduarte@hotmail.com

texto impresso. Não nos posicionamos mais como meros leitores diante das home pages da internet. Agora devemos, para que haja sentido, ver e interagir com a obra. Esse agir se dá através da interatividade digital, como o clicar em ícones. Podemos, também, manipular as formas midiáticas, como som, imagem e texto. Somos não mais leitores apenas, mas exploradores, navegadores, num mundo de infinitas possibilidades. A ação não obedece a caminhos determinados e lineares, mas pode ser feita por desvios, conexões, adições, por meio dos links, como um passeio pelo espaço cibernético. Tornamo-nos um “flâneur digital”, o “ciberflâneur,” como afirma André Lemos (2002, p.70). Esses caminhos virtuais não lineares que vêm formando o leitor contemporâneo, embora rompa com os paradigmas literários dominante e consagrados, não é menos importante e também não peca por “menos estruturação, menos elaboração estética, menos conceptualização, ou menos ambição cultural.”²

2 DO IMPRESSO AO ELETRÔNICO: os novos recursos textuais

Embora a literatura digital, publicada na internet, sofra com o preconceito da crítica literária, ela é uma realidade e está cada vez mais presente na formação dos novos leitores. É normal que uma nova tecnologia seja vista com desconfiança, pois, como afirma Mindlin (Apud. ARAÚJO, 1999, p.12) “toda obra de vanguarda custa a ser aceita, e o equívoco reside [...] em achar que só existe uma espécie de poesia, ou uma só música, e que o resto é heresia”. Essa resistência ao novo reflete um medo eterno, o de que uma nova tecnologia tenha o poder de matar algo que consideramos precioso, “frui-se sem criticar aquilo que é convencional; o que é verdadeiramente novo é criticado com repugnância.” (BENJAMIN, 2005, p. 244).

O medo e o estranhamento, gerados pelos textos virtuais, são compreensivos quando toma-

mos a leitura como um processo construído pelo hábito e pela experiência. Leva-se tempo para criar um hábito social e é muito difícil desmistificá-lo. Entretanto a literatura digital é uma realidade e vem formando costumes, tornando-se merecedora de atenção e pesquisa.

Não podemos nos esquecer que, coisas hoje tidas como arte, um dia já foram subjulgadas pela opinião do público e dos críticos. A fotografia e o cinema, que hoje são considerados a mais pura expressão artísticas, já sofreram problemas de aceitação, taxadas de inferiores quando comparadas à pintura, como lembra Benjamin (2005). Até mesmo o nosso consagrado livro, já teve seus momentos de resistência. Segundo McLuhan (2005, p.155) “em *Fedro*, Platão objetou que o aparecimento recente da escrita iria revolucionar a cultura para pior.” O fato é que o homem é um ser em constante processo de transformação e construção, mas o surgimento de algo novo não pressupõe, necessariamente, o desaparecimento de algo já existente. E assim como o surgimento da fotografia não significou o fim da pintura, é prematuro afirmar que o texto digital irá acabar com o texto impresso, ou que o romance tende a desaparecer com o surgimento de textos mais concisos e multimidiático. Não cabe a nós prever o futuro, mas sim analisar o presente e as mudanças causadas pelas mídias virtuais no mundo da literatura.

Roger Chartier, em entrevista concedida ao programa *Salto*, da TVE Brasil³, afirma que o desaparecimento do livro, tal como o conhecemos hoje, talvez aconteça nos próximos séculos, mas não no século XXI. O texto digital proporciona uma fragmentação que tem sido cada vez mais aceita por leitores de jornais, revistas, enciclopédias, entretanto não por leitores de romances, por exemplo, pois o romance exige uma totalidade textual. Porém a literatura digital é um terreno fértil para a consolidação dos gêneros concisos, fragmentados e *verbivocovisuais*⁴

É inquestionável que toda e qualquer escrita

²Texto de Rui Torres disponível em http://po-ex.net/index.php?option=com_content&task=view&id=96&Itemid=31&lang=. Acesso em 01 de outubro de 2009.

³A transcrição da entrevista está disponível em http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/roger_chartier.htm. Acesso em 15 de outubro de 2009.

⁴Essa expressão é usada por Haroldo de Campos (Apud. ARAÚJO, 1999:39) para definir a Poesia Concreta, “todos os elementos sonoros, visuais e semânticos – verbivocovisuais – em jogo.”

depende da generosidade do leitor. A relação entre escritor e leitor é paradoxal. É Manguel (1997) quem afirma que quando um escritor abandona seu escrito é que ele ganha existência, pois a voz ativa de um texto só surge quando os olhos do leitor fazem contato com as marcas da escrita, que podem estar em uma folha de papel, na tela de um computador, ou em uma placa. Independente do suporte utilizado, um texto pode ser considerado incompleto sem a existência do leitor.

A ideia de que o leitor é quem dá o sentido final ao texto é antiga, entretanto nunca houve um leitor tão ativo como atualmente. Walter Benjamin (2005, p.240) afirma que “entre o autor e o público, conseqüentemente, a diferença está em vias de se tornar cada vez menos fundamental. Ela é apenas funcional, podendo variar segundo as circunstâncias. A todo momento, o leitor está prestes a se tornar escritor.” Benjamin certamente fez uma previsão para o futuro da leitura. Com os sites da internet aproximando cada vez mais público e escritor, o leitor tem se tornado cada vez mais presente na criação dos textos literários contemporâneos.

Em maio de 2000, o escritor Mario Prata começou a escrever um romance online, *Anjos de babar*. Ou seja, todo o processo criativo era visto na tela do computador do leitor, como se fosse a tela do próprio escritor. Todos que estavam conectados no momento em que o autor estava trabalhando, acompanhavam o nascimento da obra. O interessante dessa experiência é que havia um fórum de discussão para interação entre o autor e os leitores, e o público se sentiu, mais do que nunca, dono da obra. Beto Muniz, um dos seguidores do projeto de Prata, afirma que “após vencer a timidez, todos estavam palpitando, questionando, querendo tomar conta da obra e até escrevendo como se fossem também autores do livro junto com o Mario Prata.”

Segundo uma reportagem da revista *Veja*⁵, dois estudantes de literatura, anunciaram a adaptação de Shakespeare e Dante para o *Twitter*. Isso significa reduzir uma média de 2800 caracteres para 140. A aposta é de que os fragmentos dos textos despertem nos “twitteiros” o desejo de ler a obra completa, como já aconteceu com outros autores mais contemporâneos.

O leitor da internet é disperso e não aceita

sentar-se frente ao monitor e apenas ler. Ele quer interagir, participar, quer se tornar parte integrante da obra e se transportar pelos hipertextos. A ideia de hipertexto não é privilégio do mundo virtual. Qualquer texto impresso traz consigo referências de outros, entretanto a internet proporciona um imediatismo hipertextual impossível de se ver na literatura impressa. Através dos ícones e dos *links*, o leitor internauta navega por infinitos textos ao mesmo tempo.

Para Roger Chartier (1996), a história da leitura nos mostra que há duas formas de se ler: intensivamente ou extensivamente. A leitura intensiva é repetitiva, lê-se muitas vezes a mesma coisa. Já a leitura extensiva privilegia várias leituras diferentes. Robert Darnton (1996, p.164) afirma que entre o século XVI e metade do século XVIII, na Europa Ocidental, a leitura era intensiva, uma vez que liam-se poucas obras como a Bíblia, livros de devoção e o almanaque. Essas leituras eram feitas, na maioria das vezes, em voz alta e de maneira concentrada. O analfabetismo da maior parte da população, aliado a pouca variedade de livros e aos preços altos, privilegiaram a leitura intensiva. Esse quadro começou a mudar a partir da segunda metade do século XVIII, quando o livro começou a se popularizar. Com as inovações tecnológicas e o aumento na produção de papel, os livros passaram a ser produzidos em maiores números, tornando-se mais baratos e variados. Como consequência disso, os hábitos de leitura da população mudaram. A leitura deixou de ser coletiva e passou a ser individual e silenciosa.

Briggs e Burke (2004, p.45) acreditam que é no final do século XVIII que a leitura passa de intensiva para extensiva. A grande variedade de publicações que invadiu o mundo da leitura transformou “o mergulho na leitura” em “leitura superficial”. O leitor deixou de se aprofundar nos textos para buscar um pouco de tudo. Se a crescente publicação de livros tornou o leitor mais disperso, imagine o que a infinidade de informações disponíveis na rede virtual é capaz de proporcionar.

Beto Muniz⁶, editor do site literário *Anjos de Prata*⁷, destinado à publicação de contos, afirma que em média o acesso ao site é de

⁵Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/variedades/literatura-twitter-romance-santos-dumont-484249.shtml>. Acesso em 10 de outubro de 2009.

23 mil pessoas por mês. Entretanto, o retorno do leitor é pequeno, são poucos os que realmente leem os textos publicados e interagem com o autor. Segundo o editor isso acontece porque “ler no monitor cansa, enjoa”, então, textos longos demais, são logo descartados.

Semelhante opinião tem Danilo Corci, editor do site *Mojo Books*⁶, que tem uma média de 150 mil acessos mensais. A Mojo foi pensada para leitura em tela, por isso os “livros” têm um formato fixo de 20 mil caracteres, os *singles* 2 mil e as histórias em quadrinho até 12 páginas. Corci afirma que para publicar pela internet é preciso conhecer o leitor virtual. “Com nossas pesquisas, inclusive de campo, percebemos que este volume de texto é o máximo que uma pessoa consegue ler, digamos, de uma tacada só. E, justamente por isso, a resistência em ler os livros da MOJO é muito, mas muito baixa mesmo.”

A agilidade exigida pelos textos virtuais talvez seja o segredo do sucesso das micronarrativas⁷ e das poesias visuais. Na internet ambos os gêneros vêm ganhando cada vez mais terreno. Segundo Orozco-Gomez (2001, p.65), o texto escrito requer uma abstração que faz com que a linguagem escrita, mas especificamente a palavra, passe primeiro pela razão para depois aguçar os sentidos. Ao contrário da linguagem visual que, se conecta de forma automática aos sentidos através da visão. A palavra é um signo que se remete a outros significados que não estão nela explícitos e, só é passível de construção de sentido, pela interpretação do leitor e pela intencionalidade do escritor. Esse processo dificulta a agilidade exigida pelo leitor virtual, que acaba por preferir os textos mais concisos. Entretanto, principalmente quando falamos de mídia virtual, a relação imagem-texto, na apropriação dos conteúdos, é fundamental para a construção de significado. Como afirma Haroldo de Campos (Apud. ARAÚJO, 1999, p.79), essa experiência já estava contida “nas premissas históricas da Poesia Concreta. Quando a Poesia Concreta foi lançada e elaborada, por volta da década de 50, pretendia-se sair

do círculo fechado do beletismo acadêmico e ligar a poesia às outras manifestações.”

Quando as imagens e as palavras saem do papel e são visualizadas em uma tela, a obra poética deixa de ser estática e incorpora o movimento e as sonoridades graças aos recursos de um *software* específico que configura um discurso virtual, eletrônico-digital e, portanto, diferenciado. O hibridismo entre palavra, imagem, som e tecnologia é uma experiência anterior à popularização da internet. Na primeira metade da década de 90, autores como os irmãos Campos, Arnaldo Antunes, Décio Pignatari e Julio Plaza, desenvolveram um trabalho intitulado “Video poesia- Poesia Visual”, que tinha como objetivo incorporar a computação gráfica na criação poética. Segundo Ricardo Araújo (1999, p.16) esse projeto “é o resultado de um esforço conjunto de pesquisadores das áreas de Engenharia Eletrônica, Arquitetura e do grupo de poetas ligados à Poesia Concreta.” Em dois anos foram criados cinco poemas no Laboratório de Sistemas Integráveis da Escola Politécnica da USP.

Com o crescente desenvolvimento dos *hardwares* e dos *softwares*, a computação gráfica se popularizou e, atualmente, qualquer pessoa que possua um computador em casa é capaz de criar e publicar poemas visuais em questão de horas. É evidente que o simples domínio da tecnologia “não transforma ninguém em artista ou grande poeta”, como afirma Augusto de Campos (Apud. ARAÚJO, 1999, p.28), mas também é inquestionável que, com a popularização das novas mídias, o poeta marginal tem encontrado seu espaço, que antes era de domínio exclusivo das editoras.

3 CONCLUSÃO

Finalizando, é pertinente mantermos uma reflexão crítica que seja capaz de analisar, mediante um instrumental teórico, ao menos parte do conjunto de expressões textuais que a Internet propõe, visto que a quantidade de textos da *web* é praticamente infinita. O que se observa é uma

⁶Foi feita uma entrevista, por meio de correio eletrônico, para que se tivesse acesso aos editores e leitores virtuais.

⁷Site disponível no endereço: www.anjosdeprata.com.br. Acesso em 10 de outubro de 2009

⁸Site disponível no endereço: www.mojobooks.com.br. Acesso em 10 de outubro de 2009

⁹As micronarrativas podem ser caracterizadas por nanocontos, texto de até 50 caracteres, microcontos, quando têm até 150 toques; e minicontos, com 300 palavras ou 600 caracteres.

triade que colabora para se perceber os novos paradigmas textuais da literatura: o autor enquanto construtor de um texto mais dinâmico, interativo; o leitor enquanto explorador textual; e a tecnologia que, como atesta Denise Guimarães (2005, p.07), “oferece inúmeras opções ao criador de uma obra de arte e, ao mesmo tempo, possibilita ao leitor navegar pelas telas de forma criativa, lúdica e sofisticada.

Sem dúvida, trabalhos envolvendo assuntos relacionando literatura, tecnologias e outras mídias se fazem necessários, uma vez que as produções literárias virtuais são formas construtivas dos modelos textuais do início do século XXI e vêm nos apresentando novas interfaces do hipertexto, como cruzamento de diferentes linguagens e a interatividade textual.

READING PRACTICES IN THE ERA OF DIGITAL TEXT

ABSTRACT

This article intends to perform a theoretical reflexion from the perspective of the literary reading in the era of digital text, considering that the virtual media has significantly influenced the habits of readers. From this perspective, cyberculture will be investigated as a result of literary publications and new textual profiles, authors and readers, delineating the differences between traditional publications, in printed media, and virtual publications. This study will focus on the differences in constructing and reading the digital text in cyberspace from the relationship of reception and reading theories, among other theoretical aspects.

Keywords: Reading. Internet. Cyberliteratur. Digital text. Printed media. Reception. Cyberculture.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Cecília. Literatura no Twitter: O Romance sobre Santos Dummond. Veja. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/variedades/literatura-twitter-romance-santos-dumont-484249.shtml>>. Acesso em 10 de outubro de 2009.
- ARAÚJO, Ricardo. **Poesia visual**: vídeo poesia. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: **Teoria da cultura de massa**. 7.ed. São Paulo: Paz e terra, 2005. P. 221-254.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma historia social da mídia**: de Gutenberg a internet. São Paulo: Jorge Zahar, 2004.
- CHARTIER, Roger. **Entrevista concedida ao programa Salto**. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/roger_chartier.htm>. Acesso em: 07 de Out. 2009.
- DARNTON. Robert. A leitura rousseauista e um leitor comum no século XVIII. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CORCE, Danilo. Entrevista. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <naneduarte@hotmail.com> em 28 de abril de 2009.
- GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. Novos paradigmas literários. **Alea**: estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, v.07, n. 2, jul./dez. 2005.
- LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e

vida social na cultura contemporânea. 4.ed.
Porto Alegre: Sulina, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MUNIZ, Beto. Entrevista. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <naneduarte@hotmail.com> em 29 de janeiro de 2009.

OROZCO GOMEZ, Guilherme. Midia, recepção e educação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 6, abril 2005.

TORRES, Rui. Poesia experimental e ciberliteratura: por uma literatura marginalizada. In: Poesia experimental. Disponível em : <http://www.po-ex.net/evaluation/pdf/torres_flup.pdf>. Acesso em: 01 de outubro de 2009.